

A ciência da vida no livro dos provérbios: caminho para o homem em tempos sombrios

Leila Maria Orlandi Ribeiro¹

Resumo

O processo histórico da tradição bíblico-cristã baseia-se na ideia do Humanismo, em que o homem, criado à imagem e semelhança de Deus, se abre à transcendência. No desejo de ser feliz, por vezes enfrenta tempos sombrios, o que o leva a afastar-se de Deus. Dentre as sombras do seu caminhar, o homem se depara com a questão: onde encontrar a felicidade em tempos sombrios da vida? No intuito de responder ao questionamento, o trabalho tem o objetivo de apresentar o caminho da felicidade almejada pelo homem na ciência aprendida no dia-a-dia da vida, e esta se encontra retratada no livro dos Provérbios. Partindo do contexto em que o livro foi escrito, chega-se à teologia de Provérbios, interpretada no capítulo 8 sobre a doutrina da Sabedoria, retomada pelo Novo Testamento, aplicada à pessoa de Jesus Cristo. Designado como Sabedoria de Deus, Jesus é quem leva o homem à felicidade plena, tão almejada durante sua vida, mesmo em meio aos tempos sombrios (Mt 11,19b; Lc 11,49; Mt 23, 34-36; 1Cor 1,24-30). Como a verdadeira Sabedoria, Cristo participa da criação e da conservação do mundo (Cl 1,16-17), e também da proteção de Israel (1 Cor 10,4, cf. Sb 10,17s). O prólogo de João e todo o Evangelho, atribuem ao Verbo traços da Sabedoria criadora de Deus (Jo 1. 6,35 ss). Isso explica porque a tradição cristã, desde Justino (séc. II), reconheceu em Cristo a Sabedoria do AT. Questionar o porquê dos tempos sombrios é próprio de quem busca crescer em espiritualidade, já que em meio à vida, muitas vezes Deus se esconde, ocasionando as sombras da vida, e esta ausência gera no homem a sede de encontrá-lo, o que provoca o processo de conversão e de crescimento espiritual. O livro dos Provérbios, ao apresentar a ciência do cotidiano da vida, mostra ao homem o caminho para permanecer na presença de Deus. Neste caminhar, o homem se questiona: quem é que chega a ver a face de Deus, aquele que se entrega ao fluir dos desejos e paixões, ou o que aceita o combate das sombras do cotidiano? Aprendemos em Provérbios que a mansidão nos leva a Deus. Porém, mansidão não é virtude do temperamento dos fracos, mas fruto da vitória no combate das sombras do cotidiano, que exige grande força interior para um perfeito domínio dos sentimentos. A mansidão é resultado do conhecimento das paixões que temos e que, por vezes, nos sacodem como uma barca na tempestade. Assim, mansidão não significa ausência de questionamentos em tempos sombrios. Uma espiritualidade que não desperta porquês, é bom desconfiar dela. O Deus que dá segurança também desaloja, também é encontrado entre as sombras. É legítimo desconfiar, mas não é agradável. Questionar os porquês do nosso dia-a-dia deve proporcionar-nos chegar à luz. A espiritualidade não é um anexo da nossa vida, e, em Provérbios, vemos que espiritualidade é condição essencial de quem busca Deus incessantemente, em meio às sombras do nosso tempo, com o desejo de vê-lo face a face e de estar desde já na sua presença e ser feliz.

¹ Mestre em Educação pela UnB - BSB. Professora da FATEO - Faculdade de Teologia da Arquidiocese de Brasília. Consultora Legislativa aposentada da Câmara Legislativa do Distrito federal - CLDF. Mestranda do Minter FAJE/FATEO. E-mail: leilaor2608@gmail.com

Palavras-chave: Humanismo. Transcendência. Provérbios. Encontro. Deus.

Introdução

O processo histórico da tradição bíblico-cristã baseia-se na ideia do Humanismo, em que o ser humano, criado à imagem e semelhança de Deus, se abre à transcendência. De forma livre e racional, e com o auxílio da fé, o homem é capaz de acolher a Deus e a Ele ordenar sua vida, o que o leva a colaborar na construção de uma sociedade ordenada ao bem comum, por meio da justiça e da paz.

Muito tempo antes de Cristo, a humanidade busca normas para o bem viver, encontrando-as nos livros bíblicos Sapienciais, especialmente nos Provérbios, que apresenta a ciência do bem viver a partir das coisas triviais do dia-a-dia, tanto aos jovens como a homens na idade adulta e madura, desde os mais simples até aos mais altos funcionários do Rei.

O livro dos Provérbios é o mais representativo dos sapienciais bíblicos. Nele se encontram os testemunhos dos mais simples aos mais refinados do estilo literário sapiencial, e os mais antigos, com suas duas faces: a da sabedoria popular, mesmo que estilizada, e a dos sábios, a da sabedoria da escola.²

Nos tempos atuais, porém, o Humanismo vem sendo questionado, devido ao imediatismo e ao materialismo dominantes. O avanço da técnica e da ciência é inegável e irrefreável. Quem não se deixa dominar por um celular mais novo e possante, por um computador mais leve e moderno, que possibilite o ingresso em qualquer biblioteca do mundo? Diante de pretensa satisfação, o que ocasiona no homem as crises constantes? Se o homem está insatisfeito perante a satisfação passageira atual, o que poderá levá-lo a redescobrir a verdadeira felicidade? O fenômeno da globalização proporciona felicidade efêmera, pois cada segundo a técnica está superada e uma novidade é desejada. Do ponto de vista cristão, o afastamento de Deus é a mola mestra da crise humana em geral, e, particularmente, em relação ao Humanismo. A solução está no voltar-se à essência do ser humano.

Apesar das críticas ao Humanismo e à ideia de Deus nos últimos séculos, ocasionadas pela obsessão do imediatismo e individualismo, da busca desenfreada do dinheiro, do prazer e dos bens materiais, mesmo perante tal realidade, o Humanismo não é invalidado, haja vista também hoje o homem permanece aberto à afirmação de Deus enquanto ser Absoluto, com o qual pode se relacionar e ao qual é ordenado, podendo ser encontrado nos temas da atualidade, tais como a

² LÍNDEZ, 1995, pág. 65.

solidariedade e a fraternidade, o reconhecimento da dignidade do ser humano, a ecologia e a preservação da vida.

Dentre as sombras do seu caminhar, o homem se depara com a seguinte questão: onde encontrar a verdadeira felicidade, em um mundo de momentos de felicidade passageira? No intuito de responder ao questionamento, o trabalho tem o objetivo de apresentar o caminho da felicidade na ciência da própria vida, durante o caminhar do dia-a-dia, e esta pode ser encontrada no livro dos Provérbios, com seus ensinamentos simples e corriqueiros.

Em meio a todos os tempos, a crise do Humanismo se reflete na falta de atenção à Palavra e no afastamento de Deus. Porém, Deus nunca abandona o homem, pelo contrário, Ele sempre manifesta e revela sua presença no cotidiano da nossa vida. Este distanciamento de Deus provoca no homem o desejo de sua busca e de conversão. A meta desta busca, que é o encontro com Deus, é o caminho da felicidade, representada na literatura sapiencial pelo desejo da Sabedoria, como a que foi almejada por Salomão. O livro dos Provérbios expressa a busca desta Sabedoria em meio à vida cotidiana, em todos os povos, fazendo sentir que a espiritualidade é parte integrante da vida do ser humano, já que o *ruah*, o hálito de Deus, insufla o ser vivente e lhe dá vida, mantendo o homem incessantemente em busca do Deus criador.

O presente trabalho se volta ao tema do Humanismo e Transcendência, na busca da superação da crise do ser humano quando se depara com o escondimento e o afastamento de Deus. Para isto, encontra no livro dos Provérbios o caminho que apresenta a ciência do bem viver e aponta perspectivas aos dias de hoje, para o homem em busca do encontro com Deus. O trabalho será apresentado em três etapas: 1. Contexto, estrutura e conteúdo de Provérbios. 2. Teologia do livro de Provérbios; 3. Jesus Cristo como a Sabedoria de Deus para o homem de ontem, de hoje e de sempre.

1 Contexto, estrutura e conteúdo de Provérbios

Os Provérbios fazem parte dos escritos mais antigos da Sagrada Escritura, com origem em diferentes épocas, tendo sido compilado após o exílio, quando o povo judaico é chamado a guardar a sabedoria de Israel. Seus textos se estendem do séc. X ao séc. V a.C. e foram escritos em hebraico. O NT cita-o várias vezes e a Igreja primitiva o utilizou na catequese moral dos catecúmenos.

Apesar de ser composto por textos de vários autores de diferentes épocas, a autoria de Provérbios é atribuída a Salomão (1,1), o que confere importância ao livro, a quem também é atribuída a fundação da tradição da Sabedoria em Israel, por ter sido um rei dotado com o dom da Sabedoria (1 Rs 3,9-12; 5,12-14; 10,1-9).

A obra é de grande riqueza literária, evoluindo de máximas breves para sentenças mais complexas e elaboradas, chegando a reflexões teológicas. É classificado como um dos livros poéticos da Bíblia. Inicia com uma breve introdução geral (1,1-7), que expressa seu conteúdo e autoria, justifica o título e afirma que, no limiar de todo o conhecimento, está o temor do Senhor. A seguir, apresenta um conjunto de nove coleções, com diferenças em conteúdo e época.

I. 1,8 - 9,18: alerta a escolher entre a Sabedoria ou a loucura, como se fosse uma escolha entre duas mulheres (a sábia ou a louca). Contém as advertências de um pai educador sobre **a sabedoria**, contra as más companhias e a mulher leviana; a fala que seu maior desejo é comunicar-se e orientar o ser humano no conhecimento da realidade em que vive, para que Deus seja encontrado nesse meio (8,35). Surge também a “Senhora Insensatez”, em oposição à Sabedoria (9,1-6 e v.13-18).

A Sabedoria, personificada, alerta a se afastar dos pecadores, que irão para o Xeol³, o sábio é chamado a fugir dos maus companheiros. A sabedoria vem de Deus (1,6) e nós podemos ou não nos dispor a ela, por meio de uma curiosidade sempre alerta (1,3-4) e da docilidade ao ensinamento dos mais velhos (2, 1-2).

II. 10,1 - 22,16: primeira coleção de Salomão, constituída por sentenças antigas sobre a vida moral. É um conjunto de ditos e máximas, com provérbios desligados e independentes:

Alguns princípios da sabedoria são: “Melhor é ser simples” (12,9). “Ser sábio é saber falar e saber calar na hora certa” (13,2). Em 16,1-22, encontramos instruções para formação dos funcionários do rei, que o ajudam a governar, caracterizando assim os versos da época monárquica de Israel.

III. 22,17-24,22: primeira coleção de advertências e conselhos, com destaque à sátira feita à embriaguez (23,29-35). As máximas dos sábios com conselhos aos jovens destacam que *somente Deus possui a última palavra*.

³ O Xeol pode significar “abismo”, “sepulcro”, “cova” ou como é melhor conhecido, a “morada ou mansão dos mortos”. Embora esse termo nem sempre tenha uma ligação direta com a mansão dos mortos, muitos teólogos sempre viram no Xeol, o antigo lugar (antes da vinda de Cristo) onde as almas residiam. (Em: A fé explicada).

IV. 24,23-34: segunda coleção dos sábios, salienta o retrato do preguiçoso e suas consequências (v.30-34).

V. 25,1-29,27: segunda coleção de Salomão, cuja compilação se atribui aos sábios que estavam a serviço do rei Ezequias. Os capítulos 28-29 distinguem-se pelo seu espírito religioso, com frequentes alusões ao Senhor; recordando a observância da lei e contrapondo os malvados aos justos.

VI. 30,1-14: provérbios de Agur, sábio de origem estrangeira.

VII. 30,15-33: provérbios numéricos, organizados segundo o modelo de uma enumeração progressiva. Exemplos:

v.18 Estas três coisas me maravilham; e quatro há que não conheço:

v. 19 O caminho da águia no ar; o caminho da cobra na penha; o caminho do navio no meio do mar; e o caminho do homem com uma virgem.

VIII. 31,1-9: provérbios de Lemuel, outro sábio estrangeiro.

IX. 31,10-31: célebre poema iniciado com as letras do alfabeto hebraico, bem elaborado, um **elogio da mulher exemplar**, sóbria, de valor e hospitaleira.

2 Teologia do livro de Provérbios

No aspecto doutrinal, o livro ensina a arte do bem viver e nos leva a Deus, com destaque à educação dos jovens e dos simples que, sem experiência, necessitam da transmissão de uma personalidade guiada pela sabedoria, destacando a piedade filial e evitando a preguiça, o vinho, as más companhias, as mulheres de má vida, os desmandos da língua, a iniquidade. Várias são as necessidades do ser humano para o bem viver e o encontro com Deus, mas algumas são fundamentais.

Existem várias necessidades que são básicas para a vida. Algumas, embora sendo básicas, podemos sobreviver sem o respectivo preenchimento. Vestir, por exemplo. A grande maioria não quer viver nua, mas os povos da floresta ou os aborígenes conseguem viver sem roupas! Outras, porém, são decisivas para a sobrevivência.⁴

Dentre as necessidades decisivas para esta vida, como também para ver a face de Deus, encontram-se as citadas em Provérbios. Apesar de parecer apenas natural e laica a instrução do livro dos Provérbios, a base de toda a sua moralidade está na religião, já que “o temor do Senhor” é o princípio e o coroamento da Sabedoria, fonte de felicidade, aparecendo como início e conclusão do livro (1,7; 31,30).

O livro se mantém na linha tradicional de uma retribuição individual e terrena, contudo, também se nota que essa recompensa não obedece a nenhum automatismo, pois, acima de toda a sabedoria e habilidade, está Deus, o soberano

⁴ TORQUATO, 2013, pág. 91.

absoluto da natureza, dos acontecimentos e do coração humano (21,30-31). A evolução literária do livro reflete a evolução na concepção da sabedoria, indo da simples capacidade e habilidade humanas a uma realidade mais transcendente que pertence à esfera divina.

Um coração puro é o que o homem precisa manter para chegar ao encontro com Deus. O Novo Testamento identifica Jesus Cristo com a Sabedoria (de Provérbios 8), aquele que é o Caminho, a Verdade e a Vida (Jo14,6), para que tenhamos um coração reto e santo e nos elevemos à presença de Deus.

3 Jesus Cristo como a Sabedoria de Deus para o homem de ontem, de hoje e de sempre

Destacamos a seguir a teologia do Capítulo 8, que contém o ápice da doutrina dos Provérbios a respeito da Sabedoria (8,22-23), mais tarde desenvolvido em Sir 1,1-21; 24; Sb 6-9; e Jó 28. O NT identifica que Jesus Cristo é a Sabedoria de Deus para o homem de ontem, de hoje e de sempre (Mt11,19; Lc11,49; Mt23,34-36; 1Cor1,24-30).

Capítulo 8 – Segundo discurso da Sabedoria.

Identificado como poema, o capítulo 8 apresenta a Sabedoria como uma personificação poética, indica o caminho das necessidades fundamentais do homem que busca Deus em meio à vida.

O capítulo é estruturado em quatro blocos: 1º bloco: v. 1-11; 2º bloco: v. 12-21; 3º bloco: v. 22-31 – onde se concentra o DESTAQUE sobre a Sabedoria; e o 4º bloco: v. 32-36.

Capítulo 8

1º bloco: v. 1-11.

A Sabedoria (v.1) junto às portas da cidade (v.3) quer falar a todos, a partir do lugar do cotidiano. A mensagem é que a Sabedoria é um dom de Deus a todo homem, onde quer que ele se encontre, para ajudá-lo a bem viver e assim chegar a Deus.

Gritando (v. 3), a Sabedoria convida à escuta para acolher o outro. Da mesma forma, sem desanimar, também Deus pede ao homem que o escute, mesmo em meio às provações da vida quando chega a sentir sua ausência, pois Deus não abandona sua criação.

Ouvi (v.6) – Escutando, conheço o outro e o que Deus me comunica, numa relação interpessoal. Isso é o que Deus também nos pede: que o escutemos, num

encontro de amor, amizade e proximidade. Em Dt, Deus pede ao povo: “*Shema*’, Israel” – “Ouve, Israel, seu Deus é o único Deus” (Dt 6,4). Porém, apesar de o encontro ser muito bom, tanto com o outro como com Deus, permanece neste encontro o mistério. “Melhor é a sabedoria do que os rubis; e tudo o que mais se deseja não se pode comparar com ela” (v. 11). Muitas vezes, em meio à rotina da vida, bem como nas dificuldades, Deus parece ocultar-se, mas, na verdade, Ele está a bradar, persistente, para que o escutemos.

2º bloco: v. 12-21;

Habitando com a prudência, a Sabedoria respeita a escolha dos homens. Ela está a oferecer sua face, mas depende do homem, aceitá-la ou não. A Sabedoria apresenta tudo o que o homem precisa saber, para que possa bem viver e assim chegar à presença de Deus.

Detesto o orgulho e a soberba (v. 11). Possuo o conselho e a prudência, a inteligência e a fortaleza (v. 14). Por mim governam os governadores, e os nobres dão sentenças justas (v. 16). Eu amo os que me amam (v. 17), comigo estão a riqueza e a honra, os bens estáveis e a justiça (v. 18). Eu caminho pela justiça e pelo direito (v. 20) para levar o bem aos que me amam e encher seus tesouros. Significa que a Sabedoria também propicia os bens estáveis e que estes também levam o homem a Deus. Mas o homem tem a liberdade de aceitá-la ou não, de seguir seus preceitos ou de recusá-los.

3º bloco: v. 22-31 – é onde se concentra o DESTAQUE do livro de Provérbios;

Este terceiro bloco constitui o destaque do livro de Provérbios. Aqui a Sabedoria se apresenta como criadora, bem como sua relação privilegiada com os homens e com Deus.

A Sabedoria personificada como artifício literário em Pr 14,1 desenvolveu-se em Israel a partir do Exílio. Se em Jó 28 e Br 3,9 - 4,4 a sabedoria aparece como uma coisa, um bem desejável exterior a Deus e ao homem, ela é apresentada em Pr 1,20-33; 3,16-19 e 8 - 9 como uma pessoa que revela sua origem, criada antes de toda criatura (v. 22-26). Toma parte ativa na criação (vv.27-30), com a função que exerce junto aos homens de levá-los a Deus (vv.31.35-36). Em Sb 7,22 - 8,1 dá a impressão de que a Sabedoria, “efusão da glória de Deus”, participa da natureza divina.

A doutrina sobre a Sabedoria é retomada pelo Novo Testamento, que realizará um processo novo e decisivo ao aplicá-la à pessoa de Cristo. Jesus é

designado como Sabedoria e sabedoria de Deus (Mt11,19; Lc11,49; Mt23,34-36; 1Cor1,24-30). Como a Sabedoria, Cristo participa da criação e conservação do mundo (Cl1,16-17) e da proteção de Israel (1 Cor10,4, cf. Sb10,17s). Finalmente, o prólogo de João atribui ao Verbo traços da Sabedoria criadora, e todo o Evangelho de João apresenta Cristo como a Sabedoria de Deus (Jo6,35ss). Isso explica porque a tradição cristã, desde Justino (séc. II), reconheceu em Cristo a Sabedoria do AT. Por acomodação, a liturgia aplicou Pr 8,22s à Virgem Maria, colaboradora do Redentor, assim como a Sabedoria o é do Criador.⁵

- No v. 22: laweh me criou primícias de sua obra. O verbo hebraico (*quanani*) é traduzido por “criou-me” pelo grego (cf. Sir 1,4.9; 24,8.9). Na Vulgata, São Jerônimo retoma a tradução “adquiriu-me” ou “possuiu-me”, certamente para combater o erro de Ário, que fazia do Verbo, identificado com a Sabedoria, uma criatura. A fórmula “primícias de sua obra” deve ser relacionada como “Primogênito de toda criatura”, título dado a Cristo por São Paulo (Cl1,15) e como “Princípio das obras de Deus” (Ap3,14).⁶ Gerar é mais do que criar. Apresenta a ação de Deus como a Sabedoria gerada por Deus, superior aos homens.
- v. 22a: Primícias – tem conotação temporal, antes de..., porém com sentido qualitativo de “mais importante”. É uma alusão a “primogênito”, que recebia as bênçãos passadas de gerações a gerações.
- v. 22b: Aqui o sentido temporal representa a obra mais antiga e importante, a mais bela. *É origem originada por Deus*. Este versículo é acomodado pela Tradição da Igreja a Nossa Senhora.
- v. 23 – De acordo com o verbo *nasak*, atestado pelo SI 2,6, alguns preferem o sentido de “derramar”, “esparramar”, assim como o óleo é derramado para consagrar o rei. Nesse sentido, a Sabedoria é ungida como rei. Outros derivam de *sakak*, e traduzem como “fui escondida”, “mantida em reserva”, ou seja, tecida no seio materno, desde o início da terra.
- v. 24-29: A criação como era vista: água em caos, Deus coloca em ordem. O homem é distinto de Deus.
- v. 24: Eu fui gerada quando os abismos não existiam. Gerada, de *lyx*, ou seja, contorcer-se em dores de parto: a Sabedoria foi gerada por Deus.
- v. 25: Os Montes dominam a terra. Antes, a sabedoria foi gerada.

⁵ Bíblia de Jerusalém, 1985. Nota de rodapé “i”, de Pr 8,22.

⁶ Idem. Nota de rodapé “j”.

- v. 28-29: Impõe limites: sob Deus está a terra.
- v. 30-31: A obra da Sabedoria é o encontro com Deus e se alegra com os homens.
- v. 31: Me alegrava com os homens: estabelece vínculo com Deus e com os homens, em Deus e nos homens a Sabedoria encontra seu encanto.

A Sabedoria participa da obra criadora. Como auge de toda criação encontram-se os filhos dos homens, com quem o seu Criador se enche de prazer e com eles se regozija. A Sabedoria participa da criação e não a abandona, ela leva os homens a ver a face de Deus, a estar juntos da presença divina.

4º bloco: v. 32-36.

Este quarto bloco é um convite à prática para se chegar à vida, a ver a Deus.

- v. 32: Felizes os que guardam meus caminhos.
- v. 33: Não a desprezeis, quem age com sabedoria e a ama, encontra a vida.
- v. 36: Por sua vez, **o pecado é a autodestruição do próprio homem.**

Bem-aventurados os que guardam os caminhos da Sabedoria! Aí está o convite para que possamos ver a face de Deus, a estar na sua presença. A vida se encontra em Deus e a Sabedoria é o caminho que a Ele nos conduz. Pelo contrário, a opção pelo pecado leva à destruição, ao afastamento de Deus, a sentir sua ausência e à morte.

O mistério do escondimento de Deus desperta no homem a “sede” da água viva, que o leva à busca de Deus. A condição elementar para o encontro é buscar a Deus de todo o coração (Dt 4,29; Pr 4,4-23). Em Provérbios 8,6, este encontro se dá no “ouvir” as recomendações da Sabedoria, pois, escutando, conheço o que o outro me comunica, numa relação interpessoal. Isso é o que Deus nos pede: que o escutemos num encontro de amor, amizade e proximidade. O encontro é a meta que muda a vida, no caminho da busca do ver a face de Deus, no desejo de ser admitido à sua presença (como em Jó 42,5).

Apesar de o encontro ser muito bom, tanto com o outro como com Deus, permanece sempre o mistério. “Melhor é a sabedoria do que os rubis; e tudo o que mais se deseja não se pode comparar com ela” (Pr 8,11). Assim, o cristão que não fundamenta sua vida no mistério está fadado ao fracasso. Deus é mistério e nele vamos adentrando com nosso esforço de busca, o que não nos livra de sentirmos sua falta, pois a Deus não podemos agarrar, já que a falta de Deus é renovadora, pois nos conduz à conversão constante. Dessa forma, toda vida depende do esforço da busca, a partir da sede que leva à conversão para o encontro com Deus. Diante

do mistério, o que se deve fazer é: ficar na recordação, ou lançar-se à frente? “A nostalgia ou saudosismo pode induzir a olhar para trás, para o passado, enquanto a busca orienta para o futuro e pressupõe a esperança do presente”.⁷ Este é, portanto, o primeiro passo: buscar matar a sede de Deus, convertendo-se sempre a Deus e almejando seu encontro, a partir da ausência sentida de Deus.

Porém, o primeiro a se esconder de Deus é o próprio homem, como encontramos na Sagrada Escritura, na passagem de Adão após o pecado, ao perceber, com sua mulher Eva, que estavam nus, e se esconderem (Gn3,1-6); em Caim, que mata seu irmão Abel (Gn 4,1-8) e se retira da face de Deus; em Jó (13,10-24), que pede concessões a Deus para não se esconder de sua face. Portanto, todas essas passagens revelam que o pecado é que leva o homem a esconder-se de Deus.

Considerações finais

As críticas ao Humanismo e à ideia de Deus nos últimos séculos não impedem o homem de voltar-se para Deus e desejar ardentemente encontrá-lo, ver sua face, estar na sua presença. Tal humanismo exige conversão e esforço constantes do pecador para se manter na presença de Deus. Mesmo assim, a oferta de Deus para estarmos na sua presença pode ser rejeitada pelo homem (Is 65,1-2). Mas Deus continua proferindo seu oráculo: “Não tornarei a esconder deles a minha face” (Ez 39,29). Em Jesus, Deus mostra definitivamente seu rosto (Jo12,45; 14,9), permanecendo para sempre aberta sua proposta às criaturas amadas: “*Shema*’, Israel”! “Ouve, Israel, nosso Senhor é o seu único Deus”! (Dt 6,4).

Aprendemos em Provérbios que a mansidão nos leva a Deus. Porém, mansidão não é virtude do temperamento dos fracos, mas fruto da vitória sobre a agressividade que surge no íntimo de cada ser, exigindo grande força interior para um perfeito domínio dos sentimentos. A mansidão é resultado do conhecimento das paixões que temos dentro de nós e que por vezes nos sacodem como uma barca na tempestade.

Mansidão não significa ausência de questionamentos. Uma espiritualidade que não desperta porquês, é bom desconfiar dela. O Deus que dá segurança também desaloja. É legítimo desconfiar, mas não é agradável. Questionar os porquês do nosso dia-a-dia chega a nos levar à paz.

⁷ TORQUATO, 2011, pág. 628.

A meta da Transcendência e Humanismo é o homem ser admitido na presença de Deus, e esta se alcança pelo derramamento da alma perante o Senhor, o que é a base de Provérbios (4,4-23; 8,22-31). No Novo Testamento, a doutrina sobre a Sabedoria é realizada num novo processo, ao ser aplicada à pessoa de Cristo. Jesus, a Sabedoria de Deus, participa da criação e continua na sua conservação, deixando aberta a proposta ao homem para seu encontro com Deus. À Virgem Maria, pedimos que, como colaboradora da obra do Redentor (por acomodação de Pr 8,22s), nos leve a Cristo, que é a meta a ser encontrada por quem o busca de todo o coração.

Pastoralmente, estamos mais acostumados a enxergar o que os ensinamentos exigem dos outros, e não tanto de nós próprios. Somos muito exigentes com os outros e bastante condescendentes conosco próprios. Nos irritamos e nos queixamos quando os outros não obedecem a lei, ou não a aplicam, sem nos colocar no lugar deles, sem viver o que eles estão vivendo. O livro dos Provérbios nos ensina a colocar-nos ao lado do nosso próximo e a viver com ele as situações do dia a dia, encontrando nelas a presença de Deus como oportunidade para o encontro que tanto almejamos: estar na sua presença, vê-lo face-a-face. Em Provérbios encontramos a perfeição do Pai nas circunstâncias e nas oportunidades particulares de cada dia, vivenciadas por cada um de nós.

Nas coisas simples da vida é que encontramos a Deus. O avanço da técnica e da especialização nos levou a olhar com “um pé atrás” o Humanismo e a Transcendência, bem como o enunciado simples das grandes verdades, que fornecem uma visão mais rica da vida e dos homens, e que a sabedoria popular soube expressar ao longo dos séculos, até os dias de hoje. É nas coisas simples que encontramos Deus. “Deus é simples, nós é que somos complicados”, dizia o místico Eckart no século XIV⁸.

O livro dos Provérbios sugere ao Humanismo de hoje, apesar da crise, um olhar espiritual, afetuoso e esperto para as ocasiões que todos nós temos diante dos olhos, diariamente, nas situações mais normais, e que podem nos levar a crescer espiritualmente e a melhorar como seres humanos e como cristãos. Oferece também oportunidades de encontrarmos grandes riquezas humanas e cristãs nas formas populares de expressão de vida.

⁸ LLORCA, 1968. Vol. II, pág. 226.

Podemos afirmar que os Provérbios nos ensinam a ver que, no Humanismo, não há ditado velho se o dizemos na hora certa, e que eles podem nos levar ao encontro com Deus, a partir do desejo que desperta em nós a sede de água viva.

Referências Bibliográficas

A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo; Paulinas, 1985.

A FÉ EXPLICADA. O xeol e a imortalidade *da alma*. Publicado em 05/11/2014. Blog de Formação Doutrinária Católica. Disponível em: <https://afeexplicada.wordpress.com/2014/11/05/o-xeol-e-a-imortalidade-da-alma/> Acesso em: 17 de maio de 2019.

LÍNDEZ, José Vílchez. *Sabedoria e sábios em Israel*. São Paulo: Loyola, 1995.

LLORCA, Bernardino, et ali. *História de la Iglesia Católica*. BAC, Madrid, 1968. Vol. II.

PEUZÉ, Pascal Jean André Roger. *O Mashal rabínico (parábola rabínica): comparação ou metáfora?* 2010. Disponível em: <http://revistas.fflch.usp.br/vertices/article/view/10>. Acesso em 13 de maio de 2019.

PROVÉRBIOS. Disponível em: <http://capuchinhos.org/biblia/index.php/Prov%C3%A9rbios>. Acesso em 13 de maio de 2019.

TORQUATO, R. P. *Deus se esconde ou nossa experiência se cristaliza?* Pistis Praxis, 3/2 (2011) 599-633.

_____. *Se Ihes retiras a respiração morrem. (Sl 104,29)*. Descobrimo a importância da espiritualidade a partir das necessidades elementares da vida”, Studium: Revista Teológica, 12 (2013) 89-100.